

Vitória (ES), sábado

2 de junho de 2007

Editora: Elaine Silva

ecferreira@redegazeta.com.br

3321-8327

A GAZETA

# Economia

A103067

Instituto Jones dos Santos Neves  
Biblioteca

**ENTRAVES** HIDRELÉTRICAS AINDA NÃO SAÍRAM DO PAPEL POR FALTA DE LICENCIAMENTO AMBIENTAL, E BUROCRACIA EMPERRA INVESTIMENTOS PÚBLICOS E PRIVADOS

# Empresas temem que Estado viva um novo apagão energético



# Receio é de que oferta de energia não acompanhe crescimento regional de 4%

DENISE ZANDONADI

dzandonadi@redegazeta.com.br

Apesar de os últimos três anos terem sido tranquilos em relação ao fornecimento de energia, o fantasma do apagão energético – que assustou consumidores há seis anos, durante o governo Fernando Henrique – já começa a rondar as empresas privadas. Empresários estão preocupados com a indefinição sobre os investimentos em energia. No Espírito Santo, a situação está sob controle, mas resiste o receio de que a oferta não acompanhe o ritmo rápido de crescimento regional, previsto para ser maior do que 4% no ano.

Nesta semana, o assunto voltou ao noticiário e empresá-

rios e governo federal discutiram o abastecimento energético nacional. O presidente da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), Roger Agnelli, chegou a dizer que as incertezas sobre o fornecimento de energia têm afetado os planos de expansão da empresa no Brasil, principalmente para os projetos na área de alumínio. A empresa teme haver falta de energia entre 2012 e 2013.

A crítica foi amenizada, depois, pelo diretor financeiro da própria Vale, Fábio Barbosa. Ele disse que a empresa ainda não está reduzindo investimentos no país por isso, mas está fazendo um alerta para o fato de que as empresas não têm garantia de fornecimento de energia.

Segundo ele, cinco anos é tempo suficiente para que vários projetos de geração de energia entrem em operação, caso da duas usinas hidrelétricas planejadas para o Rio Madeira, que não saíram do papel por falta de licença ambiental.

Para o presidente do conselho de energia da Federação das Indústrias (Fines), Ern-

esto Mosaner, a situação do Estado não é diferente: “Se crescermos acima de 4% ao ano, poderemos ter problemas em cinco anos porque os grandes projetos hidrelétricos demoram para ser construídos”.

Hoje, avalia Mosaner, a situação do Estado é bem melhor em função da construção do linhação Ouro Preto-Vitória e da instalação da subestação de Areinha, em Viana. “Mas, como nossa capacidade de gerar energia hidráulica é muito reduzida, precisamos, sim, pensar para daqui a cinco ou dez anos”, reforça ele.

Os grandes projetos industriais instalados no Estado produzem a própria energia que utilizam e, em alguns casos, como o da CST Arcelor Brasil, também repassam para o sistema o excedente.

“Se as empresas não produzissem a energia e dependessem unicamente do sistema, não teríamos problemas?”, indaga Mosaner. Para garantir o desenvolvimento futuro temos que decidir agora o que fazer para gerar a energia necessária, acredita ele.

## PREOCUPAÇÕES

■ **Vale do Rio Doce.** O presidente da CVRD, Roger Agnelli, faz duras críticas à demora na aprovação de instalação de novas usinas, principalmente no Norte do país, onde a empresa tem projetos para exploração de alumínio. “Estamos priorizando projetos que exigem menor consumo de energia. Não estamos avaliando projetos para 2012 e 2013 por temer que não teremos energia suficiente”, disse ele esta semana.



■ **Interact Consultoria em Energia.** “A contratação de energia transformou-se, nos últimos tempos, em uma decisão cada vez mais complexa e estratégica. Ela implica em gastos ou economias de milhões de reais que pesam no balanço financeiro das companhias, podendo até ser

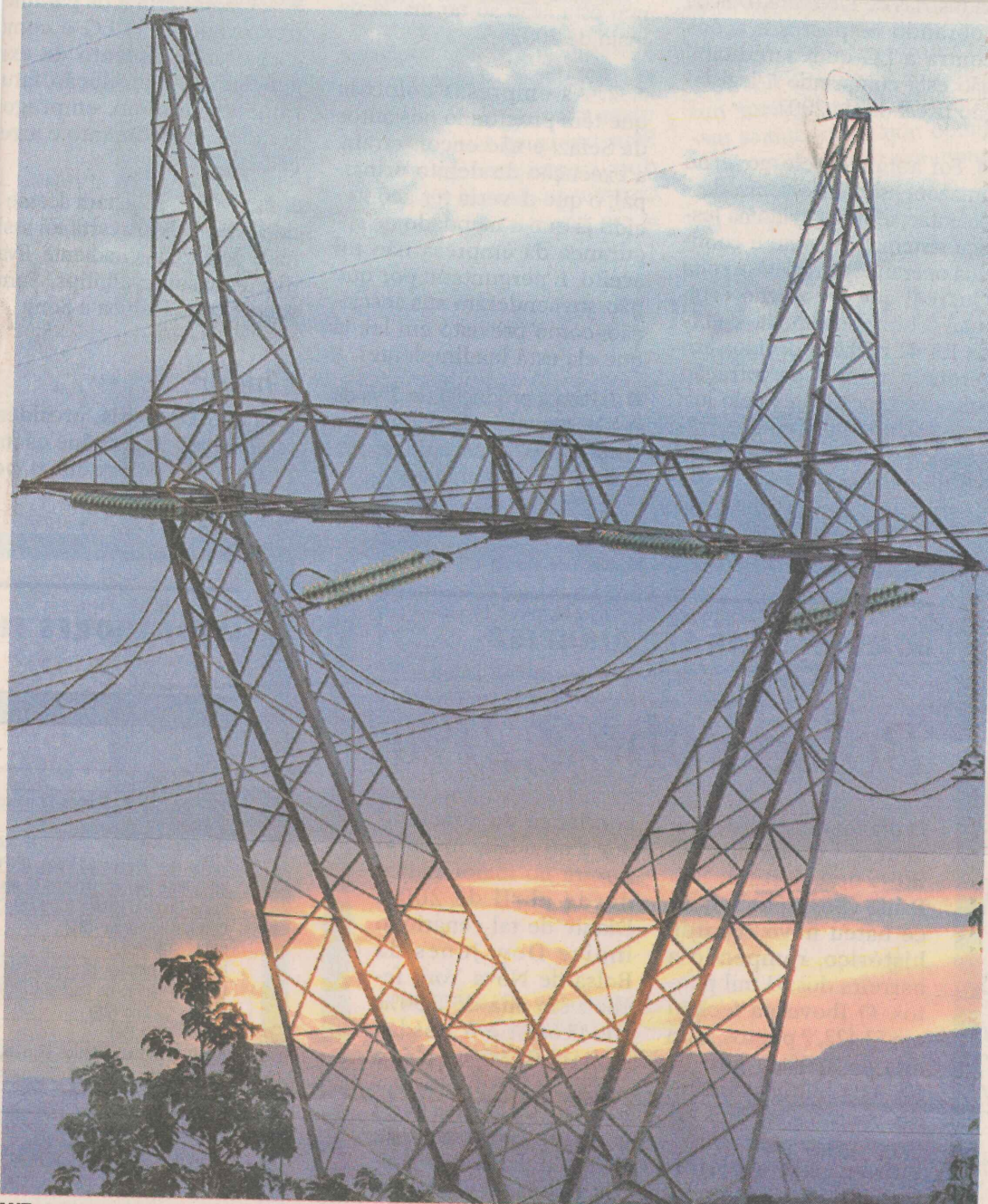
diferença entre lucro ou prejuízo”, disse Rafael Herzberg, diretor da Interact Consultoria em Energia.

■ **Light.** O presidente da Light, José Luiz Alqueres, também falou sobre o assunto ontem: “A falta de um horizonte para

a geração de energia elétrica preocupa o setor industrial do país. Atualmente não há projetos nem licenças ambientais para obras que possam garantir o fornecimento de energia no futuro. É uma situação que preocupa, principalmente após uma empresa que é a maior consumidora individual de energia do Brasil (CVRD) publicamente dizer que há um problema na área de energia”.

■ **Ministério.** A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff reiterou, ontem, durante viagem à Itália, que o governo brasileiro pretende conciliar o desenvolvimento do país ao respeito pelo meio ambiente. Ela voltou a dizer que os investimentos em biocombustíveis não são incompatíveis com a produção de alimentos.





**LUZ.** A situação do Espírito Santo é bem melhor do que a dos demais Estados em função do linhaço Ouro Preto-Vitória e da instalação da subestação de Areinha, em Viana. FOTO: GABRIEL LÓRDÉLLO

## Pequenas centrais são a alternativa

**DENISE ZANDONADI**

Além de ter melhorado o fornecimento de energia nos últimos anos, o Espírito Santo também se prepara para ter as Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH), que poderão ofertar mais energia sem que se invista em grandes usinas hidrelétricas.

Hoje, são gerados no Estado pouco mais de 1,5 mil MW. Caso todos os projetos

de PCH's sejam implementados (230 MW), sejam aprovados os projetos para as usinas termelétricas (250 MW), comece a produção de energia por meio de biomassa, ou bagaço de cana (44 MW), além de serem produzidos outros 170 MW por várias empresas, a geração de energia no Espírito Santo aumentará em 44%.

Segundo a diretora da Agên-

cia Estadual de energia, Maria Paula Martins, não há preocupação com o fornecimento e, efetivando estes projetos, "teremos uma geração maior do que temos hoje, apesar de que também crescerá o consumo". Mas ela lembra que somente a Petrobras deverá produzir, até final de 2008, cerca de 20 milhões de m<sup>3</sup> de gás, o que garantirá outra alternativa para o Estado.